

# Sarney avisa: ordem será mantida

Advertência foi para senadores da CPI e grevistas das estatais

O presidente José Sarney advertiu ontem, no programa *Conversa ao pé do rádio*, que não permitirá que transformem o Brasil no país da desordem e garantiu que o Governo usará de seus poderes legais "para a implantação da ordem com determinação e sem vacilação".

O Presidente utilizou seu programa radiofônico para, de uma só vez, criticar a atuação da CPI do Senado que apura denúncias de corrupção e os trabalhadores das empresas estatais pela greve de 48 horas contra o congelamento da URP. Sobre os trabalhos da CPI, o Presidente afirmou que "a tentativa sem máscara de envolver o Presidente da República, a nível interno e externo, num processo para atingir a sua responsabilidade e a sua autoridade, não pode ser arrojada entre as práticas democráticas".

Observou ainda que a democracia é um estado de espírito e somente sobreviverá liberta dos grupos de pressão ultra-radicalizados que querem decretar a confrontação, que incitam, perturbam, pregam a violência". E acrescentou que se o Poder Civil — que não é somente o Presidente, mas o Executivo, o Legisla-

tivo e o Judiciário — não tiver capacidade de dar governabilidade ao País, será a falência do regime. A democracia, disse, vive da harmonia entre os poderes. "Se um Poder resolver confrontar o outro, é claro que a legalidade está rompida: o Estado de Direito é, a partir desse momento, o caos".

O Presidente classificou de irresponsabilidade e falsa avaliação das liberdades democráticas a tentativa, sem precedentes no mundo, de atingir a respeitabilidade e a autoridade do Presidente da República. Também reafirmou que cumprirá o seu dever, lutando pela implantação da democracia no Brasil, pelas instituições, sem perder o equilíbrio e a paciência.

A respeito da greve nas estatais, José Sarney disse que, felizmente, quem ameaça parar o País, com incitação e conturbação, "é uma minoria bem definida e perfeitamente isolada". Aos ouvintes, perguntou se é possível o Presidente da República permitir que, "a título de se protestar contra uma medida (congelamento da URP), medida que foi tomada numa situação difícil do Tesouro, por um momento transitório, se ameace privar os cida-

ãos, todos, dos serviços essenciais e mais ainda a escola, a locomoção, tudo isso por motivos exclusivamente políticos?".

O Presidente da República fez um retrospecto dos trabalhos da Constituinte quando, "sem grandes traumas, enfrentamos tentativas de desobediência civil e uma minoria que se utilizou do Parlamento para fazê-lo uma força de confrontação e instabilidade do Poder Executivo". Reclamou da perseguição que sofre e que, não lhe deixa em condições para trabalhar, observando que essa minoria usa a guerrilha política e o terrorismo moral. "Tudo isso contra o povo, tudo isso contra o Brasil".

Mais adiante o Presidente chamou a atenção para o esforço que os países americanos vêm fazendo para sustentar a obra gigantesca e histórica que é a democracia que, no Terceiro Mundo, só existe em poucos lugares, como na América Latina, na Índia e mais pouquíssimos países. Alerta no sentido de que as baixas práticas políticas e os problemas econômicos têm levado de roldão as instituições e implantado ditaduras militares ou ditaduras de partido único.

## O RECALDO DO PRESIDENTE

"Brasileiras e brasileiros, bom dia.

"Aqui vos fala o Presidente José Sarney, na *Conversa ao Pé do Rádio*, desta sexta-feira, 6 de maio de 1988.

"Quero tratar, mais uma vez, da situação nacional. Todos sabem da maneira harmonizadora, tolerante e democrática com que tenho conduzido o País. Temos três anos de paz, da maior liberdade vivida pelo Brasil. São três anos de grandes sacrifícios e, posso acrescentar, de sacrifícios pessoais, e em nenhum ano de meu Governo deixou-se de ter eleições. Se analisarmos mais, verificaremos que em 87, mais trepidante do que as eleições, foi a Assembleia Nacional Constituinte em grande parte voltada para os problemas conjunturais, como foi a discussão da duração do mandato, com prejuízo para uma meditação profunda sobre os destinos do Brasil.

"Mas nesse período nós vamos identificar também que forças desestabilizadoras, evidentemente sem êxito, se organizaram para tornar o nosso Governo inviável. Eu enfrentei mais de seis mil greves; foram todas ultrapassadas. Sem grandes traumas, enfrentamos tentativas de desobediência civil e uma minoria que se utilizou do Parlamento para fazê-lo uma força de confrontação e instabilidade do Poder Executivo. Perseguido sempre, não nos dão tranquilidade para trabalhar. Eles usam a guerrilha política e o terrorismo moral. Tudo isso contra o povo, tudo isso contra o Brasil.

"Mas o esforço que nós estamos fazendo para sustentar a democracia no continente americano é uma obra gigantesca e histórica. Sempre conversamos quando estamos reunidos; nós, Presidentes aqui da América Latina, sobre esses problemas e sobre essas dificuldades. E se analisarmos o Terceiro Mundo, nós vamos verificar que, nos países subdesenvolvidos de hoje, a democracia só existe em poucos lugares, como na América Latina, na Índia e mais pouquíssimos países. As baixas

práticas políticas e os problemas econômicos têm levado de roldão as instituições, têm implantado ditaduras militares ou ditaduras de partido único.

Nós, brasileiros, devemos estar atentos e lutar pela nossa democracia pluralista e aberta. Ter convicções. Convicções que não devem ser somente do Governo, mas de todos, porque todos somos responsáveis. A democracia é um estado de espírito e somente sobreviverá liberta dos grupos de pressão ultra-radicalizados que querem decretar a confrontação, que incitam, perturbam, pregam a violência. Porque se o Poder Civil — que não é somente o Presidente, mas o Executivo, o Legislativo e o Judiciário — não tiver capacidade de dar governabilidade política ao País, será a falência do regime. A democracia vive da harmonia entre os Poderes. Se um Poder resolver confrontar o outro, é claro que a legalidade está rompida, o Estado de Direito é, a partir desse momento, o caos.

A tentativa sem máscara de envolver o Presidente da República, a nível interno e externo, num processo para atingir a sua respeitabilidade e a sua autoridade não pode ser arrojada entre as práticas democráticas. Não há precedente disso no mundo. Isso deve ser classificado como irresponsabilidade e falsa avaliação das liberdades democráticas.

Tenho absoluta tranquilidade porque não estou falando estas coisas por mim. Continuarei até à exaustão a enfrentar os problemas com serenidade, austeridade, equilíbrio e paciência. Mas tenho o dever de falar pelo País. O que nos espera se nós destruímos o Poder Civil? Se nós fechamos as portas do País à modernidade? Se nós dilacerarmos os partidos? Se nós vivermos permanentemente num clima de incitação, de conturbação e de ameaça de parar o País? Felizmente, quem faz e deseja isso é uma minoria bem definida e perfeitamente

isolada. Agora, eu pergunto: é possível o Presidente da República permitir que, a título de se protestar contra uma medida, medida que foi tomada numa situação difícil do Tesouro, por um momento transitório, se ameace privar os cidadãos, todos, dos serviços essenciais e mais ainda a escola, a locomoção, tudo isso por motivos exclusivamente políticos?

Eu quero dizer e reafirmar, mais uma vez, que eu não serei conivente com esse processo. Cumprirei o meu dever. Vou continuar lutando pela implantação da democracia no Brasil, pelas instituições, sem perder o equilíbrio e a paciência, mas eu não posso permitir transformarem o País no País da desordem. Quando a liberdade é desordem, cabe aos governantes usarem de seus poderes legais para a implantação da ordem com determinação e sem vacilação.

Eu apelo, finalmente, aos trabalhadores aos funcionários públicos, a todas as brasileiras e brasileiros que me ajudem a continuar a construção desta grande Nação. Que ajudem a nossa democracia nesse momento de transição em que estamos construindo instituições.

Mais uma vez eu sou um reincidente, sem dúvida, da esperança. E peço a todos, de todas as convicções, que meditem sobre o destino do País.

Tenhamos a virtude da paz. O Brasil precisa, mais do que nunca, de tranquilidade e de paz: elas são a base do trabalho.

Quero reafirmar, com a minha fé, que o Brasil vencerá. Tem um povo extraordinário, este povo que trabalha, que deseja a paz, que não está interessado em manobras políticas subalternas. Este é o verdadeiro Brasil, dos que acreditam no nosso futuro e no nosso destino.

Venceremos. Venceremos a crise política, venceremos a crise econômica, venceremos as dificuldades sociais.

Bom dia e muito obrigado".